



---

## **O BEAT DAS PERIFERIAS NAS MÃOS DO CAPITAL**

**Vinícius Fernandes Alves<sup>1</sup>**

Esse mês completam 10 anos em que me mudei para um CDHU (PROGRAMA HABITACIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO), querendo ou não, como um dia disse Rousseau, o meio molda o homem, desta forma, parte de quem sou hoje tem influência do lugar em que cresci, já adiantando, não mudaria nada.

Uma das experiências trocadas dentro deste ambiente é a música, objeto de análise nessa crônica, diversos apartamentos, o som em um volume cujo não seria aceito em outros bairros, ou seja o que um escuta, diversos escutam também. A partir disso passei a prestar atenção nos estilos musicais e na letra. Vou dividir em dois momentos esse texto, sendo eles: 2011-14 e 2015-2021 com um foco maior para a segunda fase.

Nos anos iniciais da década as rádios FM estavam em alta, destaco duas, a Nativa e a Jovem Pan, duas rádios com público alvo e estilo diferentes. A Rádio Nativa tinha como principal ramo a música sertaneja, casando junto com o crescimento do sertanejo universitário e com a pegada mais popular que a rádio sempre teve uma pegada mais popular, com distribuição de prêmios, participação popular na programação, atraindo cada vez mais adeptos aqui no condomínio, então qualquer sertanejo da época, que começarem a cantar eu consigo acompanhar hoje em dia.

A segunda metade da década trouxe algo que prometia acabar com as rádios, que eram as plataformas de músicas, como por exemplo o Spotify, aqui abordo alguns dos

---

<sup>1</sup> Cronista, Discente do Curso de Graduação de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, petiano-bolsista do PET MEC Geografia – IG-UFU, Editor de Seção dessa revista. E-mail: [feralvesvini@gmail.com](mailto:feralvesvini@gmail.com)

fatores que ajudaram nesse avanço das plataformas. O Spotify tem uma versão gratuita, que tem algumas limitações perante a versão paga, mas mesmo assim, você monta uma playlist com suas músicas e tolera alguns anúncios tentando te convencer a ser premium, além disso, por ser um aplicativo leve, praticamente qualquer smartphone roda o app, deixando assim mais prático e acessível (não na questão financeira) que um rádio que fique na tomada, uma última vantagem que demonstro aqui é o que diferencia ele do Youtube, a opção de escutar música em segundo plano, ou seja você pode mexer em outros aplicativos enquanto escuta sua música.

Com essa mudança a melodia do “predinho”, como carinhosamente é chamado, também mudou, a liberdade de escolha dos gêneros musicais, não dependendo somente da programação das rádios, trouxe à tona dois estilos principais: o rap e o funk. O rap tem toda pegada da luta, da vida na periferia, da opressão, então existe uma certa identificação entre a letra e o ouvinte, é confortante ler, escutar algo que te representa, o sentimento de exclusão que o capitalismo nos promove diminui, porém nunca deixa de existir. Mano Brown dos Racionais em uma de suas letras mais famosas, “Jesus Chorou” tem um verso que diz “Perseguido eu já nasci, demorou”, quem nasce na periferia, na pobreza já tem futuro fadado pelos grandes, e é perseguido por isso. Ao escutar coisas como essa, o menino da quebrada se sente representado.

O funk merece um capítulo especial nesse texto, um outro estilo musical que mostra a voz da periferia, muito forte nas favelas cariocas e paulista, com sua letra tanto de protesto mais para o início e depois de ostentação, com seu ritmo dançante e consumido nas classes mais baixas, e também extremamente consumido pela classe média, classe média alta do nosso país. O funk ostentação, com suas letras luxuriosas e batida envolvente, era tocado sem parar em festas, independente da faixa de idade, porém todo sucesso tem seu preço, o mercado viu nessas músicas uma oportunidade de lucrar e como fazem de tudo pelo lucro, as músicas foram ficando cada vez mais comerciais, perdendo um pouco a essência do funk, não que eu ache o esse estilo de funk ruim, em uma festa não tem coisa melhor para se escutar, porém isso deve passar a ser analisado, essa variação tem forças até os dias atuais, porém o fato que descrevo a seguir é o motivo de toda essa crônica.

Do fim do ano passado (2020) para esse vim percebendo algumas mudanças no estilo musical do prédio, são funks, cantados por Mc’s e criados na periferia, porém com uma diferencial fundamental para essa análise, a letra. O funk ostentação foi deixado de lado para a volta de letras com cunho mais social, contando a realidade do

morro, os preconceitos sofridos, entendendo seu papel dentro da sociedade. As letras dessas músicas são extremamente confortantes para a realidade em que se vive na periferia, como na letra de “Jesus Olhou pra Mim” cantada por Mc Marks e DJ BL, que diz “Hoje meu som estrala em todos os carros; Vai ouvindo a voz de mais um favelado; Que só precisou de uma oportunidade; A bença’ de Deus e a coroa do lado.” Música que apresenta que ele está ciente do lugar que veio, que se não houver uma oportunidade, não é fácil de sair. Uma outra letra “Obrigado Deus” de Mc Lipi, apresenta essa questão da oportunidade, quando diz “E o menor que virou jogador; Outros menor que a vida levou”. Ou seja, alguns têm a oportunidade para melhorar de vida, porém não são todos que têm a mesma sorte, é exatamente isso que o capitalismo defende, e ainda por cima vende um discurso ridículo sobre meritocracia, no qual muitos utilizam para a manutenção dessa distância social entre as classes.

Como dito anteriormente, a relação com as pessoas é de suma importância para a formação do ser levantei essa lebre para algumas pessoas próximas a mim, a repentina mudança dentro do mundo do funk, buscando entender o motivo disso, e três pontos foram levantados. Primeiro, a pandemia que enfrentamos, na qual não tem, ou pelo menos não deveria, festas, impedindo que as músicas fossem tocadas e dançadas, automaticamente diminuindo sua influência. Outro ponto é a da influência do Trap, estilo musical importado dos Estados Unidos que ganhou muita força nesses últimos tempos e que fez sucesso no Brasil, a letra pode até não ser tão semelhante, mas a batida sim e a partir disso criei um link com o terceiro motivo que é a comercialização da música. O mercado vê uma crescente do trap no nosso território e tenta copiá-lo para lucrar, e nos faz refletir sobre até que ponto estamos ouvindo músicas genuinamente verdadeiras.